

Aproximações com a Antropologia, como possibilidade teórico-metodológica para a pesquisa em Turismo

Renan de Lima da Silva¹
Maria Luiza Cardinale Baptista²

Resumo:

O artigo apresenta a Antropologia como possibilidade teórico-metodológica a ser aplicada no desenvolvimento de pesquisa do turismo. Trata-se, aqui, de um conjunto de reflexões, a partir de estudo que vem sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Turismo, da Universidade de Caxias do Sul, em nível de mestrado. Para tanto, o referencial teórico considera a Antropologia como um suporte teórico-metodológico, a partir de fontes clássicas nessa área, associadas ao referencial do Turismo. Em termos metodológicos, a orientação é a da pesquisa de forma qualitativa, em busca do entendimento entre as relações estabelecidas na atividade turística e sua importância para o desenvolvimento duradouro da atividade. O que se pode perceber, inicialmente, com a utilização dos recursos metodológicos da Antropologia, gerou ótimos resultados para identificar potencialidade e configurações da atividade, no que diz respeito a aspectos que ajudam ao planejamento da atividade e do potencial turístico. Esse tem sido o ponto de partida de uma dissertação do programa de Mestrado em Turismo UCS, que busca identificar as possibilidades de planejar as potencialidades turísticas dos destinos turísticos, em concordância com a cultura e os fazeres locais.

Palavras-chave: Turismo, Antropologia, Potencial

¹ Tecnólogo em Gestão do Turismo, pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Mestrando em Turismo, Pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Renan.turismo@gmail.com.

² Jornalista, pela UFRGS, mestre e doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Mestrado em Turismo da UCS (BRASIL). Pesquisadora com apoio CNPq. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP). Diretora da empresa Pazza Comunicazione, de Porto Alegre (BRASIL). Email: malu@pazza.com.br.

Introdução

Esse trabalho corresponde a um dos aspectos de uma dissertação do Programa de Pós Graduação em Turismo UCS, que tem como proposta a utilização do pensamento antropológico como possibilidade de olhar para a pesquisa e o planejamento da atividade turística.

A partir das percepções trazidas aqui e de inferências empíricas pessoais, pode-se perceber, com esse trabalho, que a Antropologia pode ser uma abordagem de pesquisa em Turismo extremamente relevante, por suas características e aproximações com os fazeres turísticos. O ponto de partida dessa identificação é a percepção de que, em algumas segmentações do turismo, como o turismo de aventura, a cultura e os fazeres percebidos ganham extrema relevância para a prática, assim como as relações com o meio. Exatamente esse aspecto pode ser avaliado com a Antropologia, sendo essa o estudo das relações estabelecidas com o contato e inter-relações criadas.

Segundo Burns e Holden (1995, apud, BURNS, 2002, p.92)

A antropologia e o turismo (como um campo de conhecimento) apresentam uma sinergia óbvia. Ambos tentam identificar e entender a cultura e a dinâmica humana. Uma vez que o turismo é um conjunto global de atividades que cruza muitas culturas, precisamos de um conhecimento mais profundo sobre consequências da interação entre sociedade que geram e recebem turista.

Esse trecho do trabalho de Burns (2002) demonstra a estruturação do pensamento a partir do entendimento do desenvolvimento do turismo, através das relações estabelecidas com a prática da atividade, acreditando nas suas especificidades culturais e entendendo o turismo como prática cultural.

Com esse entendimento, do turismo como fazer cultural, temos a possibilidade de estudá-lo a partir da Antropologia, que, para Geertz (1989), o fazer do antropólogo seria a interpretação das culturas, possibilitando um entendimento da lógica social do outro. Acredita-se que esse entendimento da lógica social das relações estabelecidas, na atividade turística, pode permitir também o desenvolvimento do potencial turístico da localidade estudada.

Essas constatações fazem gerar alguns questionamentos, visando à análise e ao planejamento da atividade no local onde se desenvolvem essas relações qual a correspondência entre o desenvolvimento do turismo local e as relações entre o turista e a comunidade.

Um dos princípios do turismo é promover experiências através da viagem. No turismo de aventura, a ideia central é ter uma experiência nova e desafiadora para a superação de limites e realização pessoal. De fato “A aventura, que era parte inerente do estar vivo do passado,

aparentemente está distante do dia a dia do homem contemporâneo, agora é algo a ser buscado como uma experiência, uma vivência.” (OLIVEIRA, 2002, p. 202). Isso mostra o porquê da grande procura atual por esse tipo de turismo, no intuito de se ter uma experiência inovadora e diferente.

O homem contemporâneo busca, no turismo, a possibilidade de uma mudança na rotina, mas uma mudança que tenha níveis de segurança, que não seja tão perigosa como antes, quando os processos de descoberta inerentes às mudanças geravam riscos à vida dos que se aventuravam.

Essa modalidade de turismo propicia a vivência de ousar sair da rotina, da repetição de monotonia do cotidiano, produzindo, sim, aventura, mas, atualmente, com riscos muito mais controlados. Esse controle de riscos é também o ponto chave das percepções nesta segmentação, a necessidade e o medo desses riscos criam uma necessidade de relação com o ambiente e o morador local que minimize esses riscos, já que os locais conhecem em muito o ambiente de prática da aventura.

Antropologia e Turismo e não Antropologia do Turismo

O objeto de estudo que está sendo proposto envolve mais de uma área de saber, com ênfase no Turismo e na Antropologia. O turismo hoje tem dificuldades e défices em publicações e, conseqüentemente, em sua afirmação como campo de estudo. Isso ocorre pela dificuldade de pesquisa, relacionada, principalmente, à complexidade do desenvolvimento do fenômeno, bem como aos problemas na definição de metodologias de pesquisa que contemplem tais variáveis. Dessas percepções decorre a opção pela Antropologia, como orientação teórico-metodológica. Essa opção é fruto de aproximações de um dos autores, com a área de saber e as percepções de coerência com seu jeito de interagir com a realidade.

A proposta para esse tópico é discutir a interface do Turismo com a Antropologia, propondo a Antropologia como abordagem para o turismo. Nesse sentido, é necessário deixar claro algumas concepções da antropologia e a forma de entender o turismo a partir dessas, principalmente demonstrando os limites de cada uma. Considera-se, aqui a aproximação antropologia e turismo, e não a proposição de uma antropologia do turismo.

A Antropologia, segundo Geertz (1989), trata do estudo do outro; congruentemente, Turismo tem o conhecimento e a vontade do diferente, como base para o interesse e a motivação de viagens. Peirano, no texto A favor da etnografia, diz sobre a Antropologia:

Notoriamente preocupada com a peculiaridade do objeto de pesquisa, a antropologia talvez seja, entre as ciências sociais, paradoxalmente, a mais artesanal e a mais ambiciosa: ao submeter conceitos preestabelecidos à experiência de contextos diferentes e particulares, ela procura dissecar e examinar, para então analisar, a adequação de tais conceitos. Para alguns, a antropologia tem sido, por isso, teoricamente parasita, apenas testando as generalizações freqüentemente etnocêntricas de outras disciplinas na base de casos investigados mediante a utilização do método etnográfico (PEIRANO, 1995, p.17)

Como define Trigo (2013, p. 19)

[...] o ser humano viaja pelo mundo antes mesmo de ter plena consciência de ser 'humano' ou de viver em um planeta perdido na vastidão incognoscível de um universo estranho e aterrador. Com o despertar de sua consciência, surgiu também a capacidade de admirar este mundo e temê-lo.

Para o mesmo autor, “[...] o medo é a parte da aventura, da descoberta. A adrenalina e o imaginário alimentam os indivíduos. Desde os primórdios da história, o mistério foi parte inseparável da busca do conhecimento.” (TRIGO, 2013, p. 20). Essa incerteza ou curiosidade desestabilizante há muito motiva o conhecimento. E assim sendo, os turistas também se motivam pelo interesse do outro e aquilo que não têm no cotidiano, ou seja, o diferente, a fronteira fora do cotidiano. Nesse sentido, a partir desse princípio de motivação do viajante, há a interseção das escolhas feitas metodologicamente entre Turismo e Antropologia.

Pensando dessa forma e estabelecendo essa relação, impressiona o baixo índice de dissertações e teses encontradas durante a pesquisa bibliográfica, que levem em consideração essa abordagem do fenômeno turístico. No levantamento bibliográfico acerca do tema aqui apresentado, pode-se inferir que o Turismo, como campo de estudos, em alguns casos, tem negligenciado a subjetividade que a Antropologia se propõe a interpretar, no estudo de cada caso.

O turismo é uma atividade que possui, em sua dinâmica, a mudança e a diferenciação proveniente de sua complexidade de relações. Nesse sentido, podemos entender que se desenvolve na complexidade das relações estabelecidas, podendo ser considerada, também, a representação de um fazer cultural de uma comunidade.

Desta forma, entendendo a aplicabilidade do turismo como um fazer, temos para Geertz

[...] que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura do significado. (GEERTZ, 1989, p.15)

Entende-se, portanto, que Turismo e Antropologia são áreas interligadas, já que os antropólogos se debruçam sobre relações e os fazeres culturais e nessas, em alguns casos, a atividade turística se desenvolve.

Antropologia Moderna: apresentação e críticas

Fazendo um levantamento histórico da Antropologia e sua transformação até a contemporaneidade, considerando seu amadurecimento epistemológico, pode-se notar que a essa área de conhecimento tem seu cerne vinculado à tentativa do entendimento do diferente do outro, daquilo que não se conhece de outra cultura, da fronteira que se estabelece ao buscar o entendimento do fazer, como define Santos (2005).

A Antropologia tem bases parecidas com as da Sociologia, o que ocorre, em grande parte, por sua constituição europeia conjunta. Na Europa, contudo, em alguns momentos, fica explícita a diferenciação entre as áreas, quando a Sociologia busca o entendimento do próprio fazer social, no qual onde se insere, e a Antropologia, a fronteira desses fazeres.

Vale ressaltar, contudo, que, apesar de a base da proposta metodológica aqui exposta ser a Antropologia, buscou-se também a Sociologia, para compreender os aspectos aqui abordados. A base dos questionamentos e a curiosidade sobre este tema estão pautadas na Sociologia do Turismo de Krippendorf.

Para Krippendorf (2005), a Sociologia aplicada ao Turismo deve se preocupar com os impactos que o fenômeno provoca na sociedade, ambiente e cultura em que está inserido. Dessa forma, ele defende uma proposta de sustentabilidade, posta no estabelecimento de uma relação harmônica entre sociedade, ambiente natural e o turismo, como atividade que gera desenvolvimento, economia.

Inicialmente, o consenso na área da Antropologia, sobre a Antropologia clássica, é que os antropólogos visavam o entendimento do outro, através de objetos e discurso de quem havia estado em contato com esses.

Segundo Geertz (1989), para a Antropologia, na contemporaneidade, todo fazer é um texto passível de interpretação, e o papel do antropólogo é assim obter essas interpretações para, então, fazer as suas. E a partir deste ponto é que Clifford (1998) define a ideia do papel do antropólogo, enquanto sujeito causador daquilo que ele interpreta “você está lá porque eu estive lá”³.

A abordagem da Antropologia, inicialmente, envolve considerar a evolução histórico-conceitual da área, com os autores que demarcam essa passagem da Antropologia Moderna até a Antropologia Contemporânea. Como foi descrito, a Antropologia inicialmente tem como principal motivação o incômodo e a preocupação com a sociedade e seu conhecimento, descrição e

³ Tradução livre do original: “*you are there, because, I was there*”.

exposição. Já na atualidade, a área se insere e se entende como causadora e participante da sociedade que descreve.

Este marco tem seu limite transpassado, no ponto onde os autores da Modernidade sentem que a ida a campo representa conhecer efetivamente aquilo que se estuda. A criação do método etnográfico marca a passagem e a mudança no papel do antropólogo clássico para o moderno. É o objeto de inferências que traz as reflexões da Antropologia.

Dessa forma, o marco da passagem da Antropologia Clássica para Antropologia Contemporânea é a Antropologia Moderna. Segundo Clifford (2002, p.17), “[...] a alegoria de Lafitau é menos familiar: seu autor transcreve, não cria”. O autor acrescenta: “Seu relato não é apresentado como um produto de observação de primeira mão, mas como um produto da escrita em um gabinete repleto de objetos”.

A passagem da Antropologia Clássica para a Modernidade é feita a partir da utilização e tentativa de compreensão, com a ida ao conhecimento, ou seja, com a coleta dos dados antropológicos no local.

Esse marco então é deixado por Malinowsky (1978, p.11), autor da modernidade antropológica, em sua teoria e método de pesquisa, a Etnografia. Segundo o autor, “Sem dúvida, para que um trabalho etnográfico seja válido, é imprescindível, que cubra a totalidade de todos os aspectos - social cultural e psicológico - da comunidade; pois, esses aspectos são tão interdependentes que um não pode ser estudado e entendido a não ser levando em consideração todos os demais.”

Malinowsky acreditava que era necessário ao antropólogo vivenciar e tentar experimentar a vida como nativo, para o entendimento e resposta de suas questões. Segundo o autor, “[...] o pesquisador deve, antes de mais nada, procurar afastar-se da companhia de outros homens brancos, mantendo-se assim em contato o mais íntimo possível com os nativos” (MALINOWSKY, 1978, p.21).

Falava em uma época em que a Antropologia estudava povos ditos primitivos e produziu seus estudos nas ilhas malinesas. Esta perspectiva tem extrema importância, pois aí nasce o que o autor define como etnografia, sendo esse o método usado pela Antropologia até a contemporaneidade.

Essa teoria, para o autor, nasce da insatisfação e descrença gerada pelos métodos usados até aquele momento onde os etnógrafos não descreviam a forma de coleta de dados, o que gerava descrença e inconsistência nos padrões científicos abordados. Segundo ele: “A meu ver um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica” (MALINOWSKY 1978). Apesar das falhas em tentativas generalizadas de moldes de aplicações dadas por Malinowsky, sua contribuição foi indiscutível.

Trouxe, ainda, segundo esse relato, o modo como deve ser formada e apresentada a

etnografia.

O Etnógrafo tem que percorrer esta distância ao longo dos anos laboriosos que transcorrem desde o momento em que pela primeira vez pisa numa praia nativa e faz as primeiras tentativas no sentido de comunicar-se com os habitantes da região, até a fase final de seus estudos, quando redige a versão definitiva dos resultados obtidos. (MALINOWSKY,1978 p.19)

Esse trecho demonstra bem o que é o papel do etnógrafo, segundo o autor. Contribui para demonstrar como este trabalho acredita ser necessário adotar a forma e os procedimentos de uma etnografia, na proposta aqui apresentada.

Acreditamos que, para entendimento do turismo, essa concepção trazida da Antropologia, criada por Malinowsky (1978), encaixa-se perfeitamente, haja vista o que foi antes descrito como implicações e impactos do turismo em sociedade e as relações complexas que se estabelecem, modificando suas estruturas de acordo com a dialética e subjetividade de cada um, em seu entendimento humano.

Além de Malinowsky, outro grande marco fundador da Antropologia Moderna, é também fundamental para o entendimento e a criação de boa parte das teorias de hospitalidade, e conseqüentemente tem grande importância como fundamentação teórica desta proposta de trabalho.

Marcel Mauss (2003) foi antropólogo francês, descendente e discípulo de antropólogos. Tem seus estudos fundamentados nas relações de dádiva e retribuição e na forma com que essas relações se estabelecem subjetivamente. Sua teoria indica que há contratos sociais implícitos que nos impõem socialmente ao dar e receber. Para a hospitalidade, essa visão fundamenta a ideia das relações de dádiva, não só como trocas de relações comerciais, mas uma troca também social e mais humana “[...] na Civilização escandinava, e em muitas outras, as trocas e os contratos fazem-se sob forma de presentes, teoricamente voluntários, mas na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos” (MAUSS, 2003 p. 41). Mauss introduz, ao pensamento das trocas, a possibilidade do entendimento, não só da prática, como ocorre diretamente, mas principalmente do subjetivo envolvido nesse tipo de situação.

Em um dos trechos de seu ensaio sobre a dádiva, diz:

Ademais, o que se trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se, antes de tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras onde o mercado é apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um termo de um contrato muito mais geral e muito permanente. (MAUSS, 2003 p. 45).

Nesse sentido, podemos fundamentar o nosso entendimento de como funciona a hospitalidade, sendo uma relação de trocas econômicas, mas não somente de bens ou serviços. Assim como Mauss (2003), temos o entendimento de que essas trocas também fazem parte de um ritual maior; entretanto, como acreditamos poder demonstrar com esse estudo, essa relação da hospitalidade e as trocas econômicas têm sua base em uma troca econômica, ou seja, não é somente isso, mas, também é isso.

Esses contratos sociais, defendidos pelo autor como fatos sociais totais, demonstram uma série de nuances nesse tipo de relação, que podem ser alcançadas em seu entendimento complexo, a partir da utilização de um método que leve em consideração um todo, mesmo que este seja um micro caso de um todo, bem como a metodologia aqui discutida.

Essa concepção nos dá a noção, em linhas gerais, da importância para o turista e a comunidade, da abordagem voltada à sustentabilidade pautada em uma relação harmônica. Nesse sentido, tem-se evidenciado que é importante para o mercado, a comunidade e a economia como um todo, bem como para o turismo, como prática que envolve a sociedade e a cultura. Reconhece-se, assim, que a concepção de hospitalidade se desenvolve nesse entendimento, econômico social e cultural.

As relações de dádiva, contrato social e ou fato social de Mauss (2003) podem ajudar na compreensão das relações estabelecidas nas atividades turísticas e de relações nas atividades desenvolvidas na comunidade estudada. Apesar disso, do entendimento da aplicabilidade desses pressupostos teóricos, há crítica. Em sua teoria, Mauss não leva em consideração a criatividade humana e suas relações. Defende uma imposição da sociedade sobre o sujeito, negligenciando um fator determinante, o livre arbítrio.

Essa negligência será aqui descartada, sendo então utilizada uma leitura contemporânea de suas ideias, que pode expor as relações entre o turista do local estudado e seu ambiente de prática turística, analisando as atividades na forma como ocorrem neste caso, sem fazer inferências e generalizações em relação a casos maiores.

Antropologia contemporânea: em congruência às críticas dos autores modernos

A intenção aqui então será uma abordagem da passagem dos marcos pós-moderno de antropologia, com bases em suas teorias modernas, e suas críticas, juntamente com as pós-modernas. Para essa abordagem da pós-modernidade, foi buscada a fundamentação em alguns autores que marcaram a transição de paradigma da modernidade antropológica para pós-modernidade na Antropologia. Assim, surgiu o interesse pela compreensão de Clifford Geertz (1989) e James Clifford (2002).

As concepções de Geertz (1989) sobre a Antropologia nos ajudaram em dois aspectos. O primeiro ponto é no salto à crítica das metodologias antes propostas à subjetividade, ignorada por Mauss, e no que diz respeito à concepção de se tornar nativo, trazida por Malinowsky.

Geertz, em seu ensaio teórico, “A interpretação das culturas”, refere-se ao fazer nativo como um texto etnográfico e, sendo assim, passível de interpretação, como todo texto.

A análise é, portanto, escolher entre as estruturas de significação o que Ryle chamou de códigos estabelecidos, uma expressão um tanto mistificadora, pois ela faz com que o empreendimento soe muito parecido com a tarefa de um decifrador de códigos, quando na verdade ela é muito mais parecida com a do crítico literário. (GEERTZ, 1989 p.19)

Ainda segundo Geertz (1989 p.20), o que o etnógrafo enfrenta :

[...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.

Pensando dessa forma interpretativa, temos o entendimento de que cada caso é um caso e, em estudos de uma sociedade, deve-se evitar ao máximo as generalizações propostas pelos autores modernos.

Esses trechos demonstram o porquê dessa abordagem nos estudos aqui propostos. Acredita-se que, tendo o entendimento da Antropologia nesses moldes contemporâneos, seja possível trabalhar com a teoria da hospitalidade, baseada em Marcel Mauss (2003), anulando a crítica ao seu trabalho, quando este negligencia o altruísmo do ser humano.

A partir desse entendimento, ele defende uma teoria interpretativa da cultura. Essa é então a abordagem utilizada no trabalho, partindo do entendimento de que este se desenvolvera como uma interpretação do autor e dos sujeitos da pesquisa sobre o fazer turístico.

E mais Geertz (1978, p.25) diz sobre a escrita etnográfica: “ [...] resumindo os textos antropológicos são eles mesmos interpretações, na verdade, de segunda, e terceira mão.” Dessa forma, temos o entendimento do papel primordial que tem os sujeitos da pesquisa na escrita etnográfica. São esses os primeiros a fazerem a interpretação e a apresentação a respeito do fazer estudado.

Sendo assim, o segundo ‘salto’ passível de ser considerado nesta abordagem é a perspectiva de que o nativo deve e pode falar por ele mesmo, o que significa dizer que esta, então, seria uma abordagem do próprio nativo sobre seu fazer e não o tentar ser nativo para escrever este fazer, como defende Mallinowsky (1978).

A concepção de interpretação do texto etnográfico é a seguinte: “O etnógrafo ‘inscreve’ o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente.” (GEERTZ, 1989, p. 29) O autor define que o dizer do nativo já é

uma interpretação sobre si mesmo, o que demonstra o interesse em levar em conta a subjetividade do turista no estudo antropológico. Assim, se unidas, as concepções de Mallinowsky (1978) e Mauss (2003) ajudam a superar as falhas teóricas de suas teorias, o que as coloca como possibilidade de metodologia de pesquisa no turismo.

Ainda há outro autor muito importante na passagem desses marcos para o entendimento da proposta teórico-metodológica aqui abordada. Trata-se de James Clifford (2002), cuja contribuição corrobora a visão apresentada por Geertz (2002). Clifford (2002) é importante para a fundamentação antropológica aqui proposta, pois este traz o entendimento do papel do antropólogo no fazer etnográfico e a relevância deste no entendimento do fazer turístico, como antes descrito também nas concepções de Geertz (1989).

James Clifford, aqui apresentado por último, por conseguir sistematizar e sintetizar o porquê da escolha do método e os autores trabalhados anteriormente, de forma a deixar um pouco mais clara a motivação deste trabalho, com o viés nesses moldes.

A tese desse autor, e o que nos interessa no geral, é o seu trabalho sobre a autoridade etnográfica. Essa concepção nos ajuda a entender o papel do etnógrafo e do antropólogo, na descrição e no entendimento dos fazeres de outros povos. Segundo o autor, o método do antropólogo como observação participante é uma marca que, mesmo criticada, confere identidade sobre sua ciência:

Esse amálgama peculiar da experiência pessoal intensa e análise científica [...] ainda que entendido de formas variadas, e agora questionado em muitos lugares, esse método continua representando o principal traço distintivo da antropologia profissional. (CLIFFORD, 2002 p.33)

E, como tal, este distintivo antropológico é precursor de um tipo de texto tão singular quanto o método de coleta de dados. Esse texto se modifica em estilo e entendimento ao longo do amadurecimento do entendimento da ciência. Como foi descrito aqui, sua forma de pensar muda também sua forma de escrever, mesmo, não invalidando as formas anteriores. Para Clifford (2002, p. 35), “Muitas etnografias, [...] ainda são apresentadas no modo experiencial, de métodos específicos, ‘o eu estava lá’ do etnógrafo como membro integrante e participante”.

Desse modo, percebe-se que esse entendimento deve também levar em conta, que o que se demonstra com a pesquisa, não só é possível porque existe a figura do etnógrafo, mas, também porque o etnógrafo está lá. O discurso aqui iniciado parte do princípio de que aquilo pode ser dito porque o etnógrafo está lá e, principalmente, aquilo aconteceu porque ele estava lá, desmistificando e dando caráter de causa e efeito ao papel da experiência do etnógrafo.

Certamente é difícil dizer muita coisa a respeito da ‘experiência’. Assim como ‘intuição’, ela é algo que alguém tem ou não tem, e sua inovação frequentemente cheira a mistificação [...]. As Experiências tornam-se narrativas, ocorrências

significativas ou exemplos [...] (CLIFFORD, 2002 p.35-41)

Para que não ocorra a descrença no método aqui descrito, para que se validem essas possibilidades produzidas com o trabalho, foi feita a opção pela escrita etnográfica, o que dá validade pela sinceridade dos relatos, com a expressão da forma como os foram coletados. Acredita-se que isso justifica o porquê da escolha dessa forma de escrita. O motivo da escolha do método se justifica também neste trecho: “Precisamente porque é difícil pinçá-la, a ‘experiência’ tem servido como uma eficaz garantia de autoridade etnográfica” (CLIFFORD, 2002, p.36).

E mais ainda, há as contribuições do autor, no que tange às possibilidades junto aos sujeitos pesquisados, o que, para o turismo, associa-se ao pensamento de Geertz (1989), possibilitando validar o método para a pesquisa de uma localidade. Nesse sentido, Geertz(1989) defende ser o sujeito do fazer o primeiro a interpretar o fazer, aspecto relacionado diretamente ao objeto desta pesquisa. Já James Clifford (2002 p.42) escreve: “Mas os informantes - juntamente com as notas de campo - são intermediários cruciais, são tipicamente excluídos de etnografias legítimas.” Os autores acreditam que os informantes são os primeiros a fazer a interpretação (GEERTZ, 1989) e que são os intermediários cruciais da etnografia. Daí decorre, também, a proposta de escrita contemporânea com a expressão direta do contato com eles.

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. (CLIFFORD, 2002 p. 43)

[...] assim, por exemplo, o etnógrafo das ilhas Trobriand não elabora abertamente uma versão da realidade em colaboração com seus informantes, mas sim interpreta o ‘ponto de vista trobriandês. (CLIFFORD, 2002 p.45)

Sendo assim, o autor confere ao sujeito pesquisado o status justo, aqui levado como cerne da motivação para o turismo, acreditando que esse seja mais bem explicado a partir do ponto de vista desses sujeitos. Evidencia-se, portanto, o grau e status de autoridade em coautoria ao etnógrafo, em função daquela que seria uma autodescrição por parte dos sujeitos da pesquisa. Isso ocorre, mesmo que, como dito antes, a experiência etnográfica seja causa e efeito desta interpretação em um dado momento. “Essa possibilidade sugere uma estratégia textual alternativa, um utopia de autoria plural que atribui aos colaboradores não apenas status de enunciadores independentes, mas escritores [...]”. (CLIFFORD, 2002 p. 55)

Aproximações com a prática da etnografia

Neste momento, passamos a um aspecto mais prático da metodologia escolhida. Como dito inicialmente, a proposta é uma etnografia segundo os moldes de Malinowsky (1978) , mas,

apresentada numa escrita contemporânea, segundo Geertz(1989) e Clifford (2002), que vão abordar temas da hospitalidade.

Para tanto, é interessante a perspectiva de Mariza Peirano (1995), em seu livro *A Favor da Etnografia*, em que discute problemas atuais de etnografias contemporâneas. Conforme a autora:

[...] (a) a pesquisa de campo e a tradição teórica da antropologia se relacionam no dia-a-dia dos especialistas; (b) a pesquisa de campo concebida como o encontro com o 'outro' é constitutiva do conhecimento disciplinar; (c) a teoria antropológica desenvolve-se vinculada ao conhecimento etnográfico; e (d) teoria e história da antropologia são inseparáveis, talvez se possa detectar alguns pontos de estrangulamento nos quais a má-feitura e a má-leitura afetem negativamente a própria antropologia e as disciplinas afins. (PEIRANO, 1995 p. 27)

E, em se tratando de uma pesquisa de cunho antropológico, voltou-se a teorias da Antropologia, na tentativa de produzir uma pesquisa que não gere nem 'má feitura' e principalmente 'má-leitura' desta que será uma etnografia. Ainda segundo a mesma autora, os modismos e a tentativa de moldes e manuais para o fazer etnográfico têm gerado as dificuldades na produção de etnografias de cunho científico realmente valorizado academicamente. Sendo assim, não são moldes que se pretende seguir e, sim, a teorização antropológica, antes descrita e discutida, sobre a qual se debruçou.

Sobre o entendimento da prática etnográfica, aqui se procurou o trabalho segundo Eckert e Rocha (2008). As autoras defendem, em seu artigo, *Etnografia Saberes e Práticas*, fundamentalmente, como se procede normalmente uma etnografia, ainda que, como dito anteriormente, com o que se pretende neste estudo, não se acredita na possibilidade de adequação a um único modelo. De qualquer forma, o conhecimento produzido e contatado pelos autores é sempre um norteador para o entendimento do estudo e para a prática da pesquisa, que vai se construir no campo. Essa forma de fazer seria, segundo as crenças desse trabalho, a forma como se deve de iniciar o desenvolvimento de uma pesquisa, norteando-a pelas técnicas antropológicas descritas posteriormente.

A partir do entendimento teórico antes abordado, há condições de produzir um pensamento mais abrangente. O que se encontra no campo necessita de um desprendimento do pesquisador, para que este lide com o encontrado segundo o encontrado, ou seja, sem moldes, trabalhando conforme o que se encontra durante o estudo.

Para as autoras, a etnografia é o trabalho do conhecer. Segundo sua descrição, " A pesquisa de campo etnográfica consiste em estudarmos o Outro, como uma Alteridade, mas justamente para conhecer o Outro" (ECKERT, ROCHA, 2008 p.3). E mais: "Esta descoberta sobre o Outro, é uma relação dialética que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o(a) pesquisador(a) e os sujeitos pesquisados". Esses trechos corroboram a inexatidão e a incerteza sobre as quais deve se trabalhar o campo em uma etnografia. O estudo do outro só se pode ter esse entendimento a partir do que se encontra no outro ou na prática.

[...] os fundamentos da prática etnográfica, portanto, apontam, assim, para o papel que assume o pesquisador da área das ciências sociais na sua investigação da vida social no coração dela, [...] o papel do etnógrafo diante da coisa e das pessoas por ele pesquisadas, seu grau de implicações com elas, sua forma de participar no transcurso processos da vida social se modifica e transforma no tempo, configura-se na própria delimitação do trabalho de campo segundo a situação que nela ocupa o pesquisador em relação ao fenômeno pesquisado. (ECKERT, ROCHA, 2008 p.19)

Além dessa pauta, as autoras deixam claro que o etnógrafo tem o papel de interpretar, segundo suas concepções, de dentro do contexto social do outro; entretanto, numa tentativa de minimizar suas interferências, tanto dele sobre o contexto quanto do contexto sobre ele mesmo, sendo uma vigilância sobre sua epistemologia, necessária, entretanto segundo as concepções Clifford inevitáveis.

Para estas autoras, as técnicas de pesquisa antropológica, recorrem “[...] primordialmente a técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas, informais e formais, as entrevistas não diretivas, etc. (ECKERT, ROCHA, 2008, p. 1)

A preocupação desmedida do(a) pesquisador(a) com a estrutura de uma entrevista dirigida, quase transformado em questionário, e sua insistência no afastamento do entrevistado de uma reflexividade sobre suas situações de vida ordinária, em antropologia, pode conduzir o etnógrafo muitas vezes ao desencontro etnográfico e, até mesmo, ao desconforto do desinteresse por parte do grupo de investigação. Ao contrário, as relações de reciprocidade, mesmo que oscilantes em dias de pesquisa ditos mais produtivos e outros permeados de dificuldades de toda ordem (o informante que “deu bolo”, a desconfiança de um entrevistado sobre a fidelidade de suas concepções, etc), são construídas em situações de entrevistas livres, abertas, semi-guiadas, repletas de trocas mútuas de conhecimento. (ECKERT, ROCHA, 2008 p. 14)

Além disso, a coleta de dados será através de entrevistas não diretivas, e conversas informais gravadas e não gravadas. As conversas não gravadas serão registradas em diário de campo, como forma de garantir registros de situações espontâneas que o próprio fenômeno e o ‘encontro de corpos’ de sujeitos da pesquisa proporcionem. As conversas gravadas serão transcritas, sobre as quais serão feitas as inferências e as interpretações, com bases nas teorias antropológicas e do turismo.

As autoras defendem, ainda, a possibilidade de interpretações e inferências a partir do diário e no caderno de campo do antropólogo. De fato, tais ferramentas técnicas têm papel principal na descrição antropológica.

Após cada mergulho no trabalho de campo, retornando ao seu cotidiano de antropólogo, o etnógrafo necessita proceder a escrita de seus diários de campo.

Os diários íntimos dos antropólogos trazem farta bibliografia sobre os medos, os receios, os preconceitos, as dúvidas e as perturbações que o moveram no interior de uma cultura como forma de compreensão da sociedade por ele investigada. Trata-se de anotações diárias do que o(a) antropólogo(a) vê e ouve entre as pessoas com que ele compartilha um certo tempo de suas vidas cotidianas. (ECKERT, ROCHA, 2008 p.14e15)

Além desses procedimentos, as autoras ainda descrevem a utilização de outras ferramentas do fazer etnográfico que aqui também se propõem:

[...] o caderno de notas. É no caderno de notas de campo, onde o(a) antropólogo(a) costuma registrar dados, gráficos, anotações que resultam do convívio participante e da observação atenta do universo social onde está inserido e que pretende investigar; é o espaço onde situa o aspecto pessoal e intransferível de sua experiência direta em campo, os problemas de relações com o grupo pesquisado, as dificuldades de acesso a determinados temas e assuntos nas entrevistas e conversas realizadas, ou ainda, as indicações de formas de superação dos limites e dos conflitos por ele vividos. (ECKERT, ROCHA, 2008 p.15)

Essas técnicas são os procedimentos práticos de pesquisa, que constituem a proposta de pesquisa. Por se constituir em uma pesquisa com orientação antropológica, é importante ressaltar que a experiência da pesquisa pode e deve trazer demandas de pesquisa, que podem modificar e ou acrescer essas técnicas descritas, devendo ser revistas a todo o momento durante a pesquisa de campo e o processo de interpretação.

Considerações entre Antropologia e Turismo

A partir dessas reflexões, pode-se afirmar que a Antropologia - não do turismo, mas, com o turismo, em conjunto - constitui uma possibilidade metodológica de pesquisa inovadora, considerando suas aplicações contemporâneas. Como foi abordado neste texto e vem sendo proposto na pesquisa, em desenvolvimento, trata-se de levar em consideração tudo o que é descoberto em campo com a etnografia, que pode revelar interpretações que geram um entendimento diferenciado do lócus de pesquisa em que esta é aplicada.

Além disso, muito gratificadamente, pode-se perceber que esta abordagem na pesquisa em Turismo, devido a sua constituição qualitativa, pode revelar percepções sobre o planejamento, a cultura e o ambiente onde a atividade turística se desenvolve. Desse modo, abrem-se possibilidades de aplicações e pesquisas turísticas, mais generalistas e abrangentes, de forma a possibilitar uma atividade mais duradoura e respeitando os limites do ambiente e cultura local.

Bibliografia

Burns, P. M. (2002). Turismo e antropologia: uma introdução. São Paulo: Chronos.

Clifford, J. (2002). A experiência etnográfica—antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ

Eckert, C., & da Rocha, A. L. C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. ILUMINURAS, 9(21). Resgatado de < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30176/000673630.pdf?sequence=1> > em 02 setembro, 2013.

Geertz, C. (1989). A interpretação das culturas. In A interpretação das culturas. LTC. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Krippendorf, J. (2000). Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Mauss, M. (2003). Sociologia e antropologia. Editora Cosac Naify.

Malinowski, B., Frazer, J. G., Carr, A. P., & Mendonça, L. A. C. (1976). Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. V. Civita.

Oliveira, F. R. (2005) **Ecoturismo e turismo de aventura: Organização e perspectivas**. In MENDONÇA, Rita; Neyman, Z. (org.). *Ecoturismo no Brasil* - São Paulo: Manole.

Peirano, M. (1995). A favor da Etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Trigo, L. G. G. (2013) *A Viagem: Caminho e Experiencia*. São Paulo: Aleph.